

Entrevista com o Prof. Dr. LUIZ DAMON SANTOS MOUTINHO

*Entrevistadora: Eloísa Benvenutti de Andrade*¹

Na edição passada da *Kínesis* enunciamos que uma das intenções desta revista era apresentar pesquisadores que tinham seu nome vinculado a pesquisas sobre temas filosóficos contemporâneos. Sendo assim, nesta edição entrevistaremos o Prof. Dr. Luiz Damon Santos Moutinho. Damon, como é conhecido, trata-se de um importante pesquisador da filosofia contemporânea francesa no Brasil. Seu foco de interesse é a Fenomenologia donde se preocupa em discutir temas como os da *percepção, ontologia e mundo vivido*. Por esta via desenvolveu trabalhos atendo-se a obra de Sartre e Merleau-Ponty. Sobre o último publicou o livro “*Razão e experiência. Ensaio sobre Merleau-Ponty*” pela Editora UNESP.

O professor formou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo onde também concluiu seu mestrado e doutorado. Fez especialização em Filosofia pela École Normale Supérieure de Fontenay/Saint Cloud, e dois pós-doutorados sendo um deles realizado na Université Sorbonne – Paris1. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal do Paraná e trabalha na editoração da revista **dois pontos** – produção conjunta entre UFPR e UFSCar – que publica importantes artigos filosóficos.

Nesta entrevista conversamos com o professor na intenção de expor de maneira geral seu olhar sobre sua formação e a filosofia contemporânea francesa. Dessa maneira, tratamos da fenomenologia, falando sobre

¹ eloisabenvenutti@yahoo.com.br / mestranda em Filosofia – PPGFil/Unesp – campus de Marília – bolsista CAPES com o projeto “Consciência e corpo em Merleau-Ponty”.

Merleau-Ponty e Sartre e de como autores como Foucault, Deleuze e Nietzsche se ligam a ela. Também abordamos a visão do professor sobre as pesquisas no Brasil e seu interesse filosófico atualmente.

***Kínesis:** No itinerário de sua formação filosófica consta, entre outras coisas, mestrado sobre Sartre e doutorado sobre Merleau-Ponty realizados na USP e pós-doutorado na Université Sorbonne - Paris 1, tendo estudado com grandes nomes como, por exemplo, Carlos Alberto Ribeiro de Moura e Renaud Barbaras. Fale um pouco sobre este itinerário e a relação dele com seu interesse pela fenomenologia, pela psicologia e a filosofia contemporânea francesa.*

Luiz Damon Santos Moutinho: Meu interesse pela fenomenologia foi o resultado de uma série de interesses particulares. De início, Sartre, que me foi despertado pelos trabalhos de Bento Prado Júnior e por um curso que fiz com o Salinas – em 1986, se não me engano –, professor do Departamento de Filosofia da USP, hoje já falecido. O Salinas era um grande escritor, um intérprete excepcional da obra do Rousseau. Ele também traduziu “A Imaginação”, organizou a edição daquela conferência que Sartre pronunciou em Araraquara. Ele tinha um vivo interesse por Sartre. Depois, os cursos da graduação, muito centrados em Descartes e Kant. Fizemos todos vários cursos sobre Descartes e Kant, e um ou nenhum sobre Aristóteles. Isso variava conforme o ano de entrada na faculdade. Aristóteles praticamente só aparecia no curso de Lógica do Luiz Henrique. Naquele tempo, cursando a graduação, eu achava que, de algum modo, o projeto cartesiano e kantiano era retomado pela fenomenologia, e eu tinha interesse em ver como esse projeto era tratado por filósofos contemporâneos. O tema de minha pesquisa de Iniciação Científica, por exemplo, já era em torno do *imbróglio* entre a filosofia francesa (naquela altura, eu estava mais voltado para Sartre, sobretudo) e a fenomenologia alemã. Meu projeto era em torno da crítica sartriana à idéia de redução. Em suma, eu queria saber como um projeto clássico de crítica da razão, retomado por Husserl (eu já havia lido a tese do Carlos Alberto) poderia se desdobrar em uma filosofia “existencial”. Daí porque meu mestrado foi sobre a

fase fenomenológica de Sartre, momento em que ele é mais claramente um leitor de Husserl. A grande ausência aí, evidentemente, era Heidegger, mas havia muito pouco Heidegger no Departamento naquela época (e acho que até hoje é assim...). E depois, no doutorado, o mesmo debate continuou agora voltado pra Merleau-Ponty. Na verdade, todo o tempo estive voltado para as mesmas questões. Com o tempo, apenas incorporei Heidegger e sua leitura do Husserl. O Merleau, e nisso bem mais claramente do que Sartre, não cessa de dialogar com Husserl e Descartes. Creio que ele foi menos afetado pela introdução de Hegel na França, ali pelos anos 30, do que Sartre. Daí esse perfil mais clássico, que me interessava mais. No doutorado, tive a oportunidade de conhecer o grande livro do Barbaras, sua tese de doutorado, seguramente um dos melhores livros sobre Merleau-Ponty. Esse texto foi muito importante pro meu doutorado, ele funcionou o tempo todo como uma espécie de contraponto pra mim, já que leio a “Fenomenologia da percepção” de modo diferente do Barbaras. Minha leitura é seguramente mais próxima da do Carlos Alberto. Ele publicou um pequeno texto, “A cera e o abelhudo” (com esse título mesmo), no início dos anos 80. É um texto importantíssimo! Como dizem os heideggerianos, “seminal”: não há texto sobre Merleau-Ponty que não tenha passado pela “Cera...” É claro que, tanto no mestrado quanto no doutorado, com Sartre e Merleau-Ponty, é impossível não passar pela psicologia! Não sei como era a formação alemã, mas na França, até um pouco depois da geração do Foucault, a formação em filosofia envolvia também a psicologia. A psicologia só se tornou “autônoma” um pouco depois. Mas a psicologia que se encontra tanto em Sartre quanto em Merleau-Ponty é entendida à maneira bergsoniana, isto é, como um meio pra se chegar à metafísica.

Kínesis: Kostas Axelos, filósofo contemporâneo grego, certa vez em entrevista ao “Le Monde” ² disse que a França “tendo-se tornado professora de superficialidade” ela não se caracteriza “nem pela agressividade, nem pela ironia: ela articula uma constatação”. Para ele, em todos os domínios ela – a França - “se dá por satisfeita em mundos particulares: a retórica, o social e o psicológico, o literário e o estético; não quer saber do mundo”. Como o senhor relaciona o pensamento de

² Entrevistas do Le monde: Philosophies, São Paulo: Editora Ática, 1990, p.61

Merleau-Ponty e Sartre com esta avaliação de Kostas Axelos sobre a França?

Luiz Damon Santos Moutinho: Nada disso é verdadeiro para a geração de Sartre e Merleau-Ponty! E nem para a geração seguinte, de Deleuze e Foucault! Acho que a decadência do pensamento francês veio depois, com a geração dos anos 70, com os *nouveaux philosophes* etc. O Merleau-Ponty ainda se dava como tarefa o ultrapassamento da metafísica clássica – mas um ultrapassamento que conserva, não destrói. Em Foucault, é certo que a filosofia se faz de outro modo, com uma ênfase na história que a geração anterior ainda não conhecia. Isso conduz a filosofia a um tipo de investigação, digamos assim, menos “acadêmica” (aliás, esse é um termo do próprio Foucault quando compara o trabalho da geração anterior com o seu). Mas em qualquer desses casos, apesar da “virada” da filosofia, há tanto originalidade e profundidade quanto “agressividade”. Depois do Foucault, o cenário se torna de fato desolador. Mas isso, convenhamos, sempre esteve presente, em qualquer tempo – de resto, na França, como na Alemanha ou na Inglaterra. O que acontece agora é que a exceção, o grande pensador, não está presente. É preciso não se esquecer disso: o grande pensador é exceção, não regra. De resto, convenhamos, o estilo francês sempre esteve marcado por um traço “literário”, isto desde Montaigne!

***Kínesis:** O sr. acha que ao se voltar com mais frequência e facilidade para problemas como os da “consciência perceptiva” e da “existência” a filosofia contemporânea francesa jogou fora as noções de “razão” e “objetividade”? Digo isto, pois existe uma crítica corriqueira nesta perspectiva...*

Luiz Damon Santos Moutinho: De modo algum! Na verdade, a “consciência perceptiva”, tal como Merleau-Ponty a define, não é um domínio particular, entre outros, da experiência. É o “fundo não relacional” a partir do qual os problemas da razão tornam-se compreensíveis. Se se quiser, é uma nova maneira de definir o transcendental. Em nenhum momento, os problemas do conhecimento, da razão, da verdade são perdidos de vista. Eles são rearticulados segundo outro modelo. Aliás, é por insuficiência dos modelos kantiano e

husserliano de transcendental que Merleau-Ponty é conduzido a esse território mais fundo, mais obscuro, que envolve a um só tempo sujeito e objeto, e que ele define como a “percepção”. A filosofia não perdeu com ele sua vocação, digamos assim, “totalizante”. E nem com Sartre! Os destinos da filosofia francesa contemporânea depois deles, na verdade, depois de Foucault e Deleuze, certamente estão ligados às obras desses autores. Hoje, na França, por exemplo, há um grande número de filósofos interessados pelo tema da “vida”, e esse tema está intimamente vinculado a um desdobramento da fenomenologia. Mas nem mesmo aí a filosofia se particulariza em um tema concorrente com o das ciências empíricas. Em suma, se a Razão torna-se cada vez menos presente nesses autores não é porque eles tenham voltado às costas a essa velha senhora, é porque eles pretendem desenvolver uma filosofia ainda mais radical.

Kínesis: *Fale um pouco mais sobre este “desdobramento da fenomenologia” e o tema da “vida”, tal como trabalhado pelos franceses hoje. Neste sentido, o quanto a Filosofia esta próxima da Ciência atualmente?*

Luiz Damon Santos Moutinho: Não dá pra pensar os destinos da fenomenologia na França sem notar que Sartre e Merleau-Ponty estiveram em ocaso durante muito tempo. Merleau-Ponty, desde praticamente sua morte, Sartre, um pouco depois. A geração que fazia a apologia da “estrutura” já nada queria saber do “existencial” e, sobretudo, deplorava o “humanismo” sartriano, facilmente ligado à vulgata marxista de então, por mais, é bom lembrar, que essa leitura fosse equivocada e forçada em muitos aspectos. Em todo esse período, Husserl também entrou em ocaso. Menos Heidegger, que continuou sendo lido. Multiplicou-se então na França uma enorme quantidade de seitas heideggerianas, que se fortaleceram ainda mais quando a moda do “estruturalismo” também passou. Elas passaram a dominar a cena e foi então que o mau gosto tomou conta da literatura filosófica francesa. Tanto os temas da história, que ainda são presentes em Foucault, quanto os da teoria do conhecimento, ligados aos estudos husserlianos, perderam primazia para temas tipicamente heideggerianos, girando todos em torno da palavrinha “Ser”. Foi aos poucos, e a partir do início

dos anos 90, que se renovou o interesse por Sartre e Merleau-Ponty – e, em paralelo, também por Husserl. Creio que essa retomada é importante para se pensar nos destinos da fenomenologia. No entanto, isso não significou nem uma retomada do “existencial” e da história, nem do estilo transcendental husserliano. E isso não só por causa da marca deixada pelo heideggerianismo. Afinal, não dá pra separar as novas filosofias da “vida” dos temas postos pela cultura nos anos 90. Boa parte do interesse por Merleau-Ponty, por exemplo, consistiu em desdobrar sua última ontologia para essa nova filosofia da “vida”. Poder-se-ia escrever os capítulos da filosofia francesa a partir dos anos 30 em torno desses três primados, o “existencial”, a “estrutura”, a “vida”. A fenomenologia voltou com força nesse terceiro momento, mas com nova cara, muito distante dos problemas que animaram a obra de Husserl ou dos problemas em torno da curiosa apropriação feita por Sartre e Merleau-Ponty dessa mesma obra. Nem por isso ela deixou de se distinguir, enquanto filosofia, da prática da ciência. Já não é a mesma distinção exigida por Husserl, em torno da idéia de dupla atitude, transcendental e natural. Mas tampouco é “objetivante”. Aliás, vale lembrar que essa partilha husserliana já era recusada por Heidegger nos anos 20, por Sartre e Merleau-Ponty nos anos 30, mas não a partilha que distingue os estilos filosófico e científico. Ela sobrevive nas filosofias da “vida”, os antigos temas da “intencionalidade”, da “abertura” etc sobrevivem aqui, e isso é bastante para distingui-las da prática científica.

Kínesis: O senhor citou várias vezes Foucault durante esta conversa, de fato constam em seu histórico alguns artigos publicados sobre este pensador, o que mostra que ele é de seu interesse. Acima o senhor disse sobre o contexto filosófico contemporâneo francês: “Depois de Foucault, o cenário se torna de fato desolador”. O que este pensador trouxe de mais relevante para a perspectiva do pensamento filosófico na opinião do senhor? Algo que possamos chamar de paradigmático?

Luiz Damon Santos Moutinho: Penso que Foucault é uma exceção no momento da “estrutura”. Eu diria mesmo que ele prolonga, à sua maneira, a fenomenologia. Lebrun escreveu um artigo muito lúcido e

rico sobre a “fenomenologia em *Les mots et les choses*”. Tudo se passa como se a cartografia foucaultiana tivesse que redesenhar o lugar da fenomenologia no interior da filosofia moderna, bem diferente daquele que ela própria imaginou, e isso por conta do debate, tão forte naqueles anos, sobre o humanismo. No mapa foucaultiano, a verdadeira inflexão moderna teria ocorrido com Kant e a idéia de transcendental. Foi essa inflexão que trouxe consigo tanto uma alternativa fecunda para a filosofia quanto o risco de um novo dogmatismo, o “antropologismo”. A fenomenologia teria entrado de cabeça, sempre segundo o mapa foucaultiano, nesse dogmatismo. A atenção que Husserl voltou para Descartes, vendo nele o iniciador da filosofia transcendental, teria que ser redefinida. Ora, o que é surpreendente em tudo isso é que esse novo mapa é traçado segundo o modelo da eidética husserliana! É ela que preside, se eu estiver interpretando bem o Lebrun, a sistematização da *episteme*, um gênero diferente de relações de essência. Essa leitura me parece extremamente fecunda e é ela que orienta meu interesse por Foucault. Mas não é só isso: em *História da loucura* Foucault não é tão explícito, mas em *Doença mental e psicologia* ele deixa claro que é preciso forçar a visada fenomenológica e existencial até o seu ponto limite, e, a partir daí, pular em uma espécie de abismo que é o salto na história. É como se o modelo fenomenológico de pensar o normal e o patológico levasse a uma circularidade (que ele chama de reiteração do Mesmo) que exigisse, por sua vez, uma superação. Claro que a noção de história que então aparece é inédita, e, correlativamente, a subjetividade se torna bem mais dependente do que o fenomenólogo poderia imaginar. No entanto, essas novas descobertas de Foucault não me parecem pensáveis sem uma relação direta ao modelo da fenomenologia. E creio que, de todos, Merleau-Ponty é a referência mais próxima. Merleau-Ponty já havia pensado essa dependência, mas, por uma espécie de timidez, ele se deteve, na maneira foucaultiana de ver as coisas, no meio do caminho. Foucault quis então ir até o fim. Claro que Foucault não é todo ele uma relação polêmica com a fenomenologia, mas esse é o começo. A partir daí, Foucault vai abrindo uma série de temas, levando a sério a aproximação (que Merleau-Ponty já praticava) da “não filosofia”, aproximação que é, a meu ver, uma renovação, não uma negação da filosofia. Se se quiser, uma renovação da tarefa crítica da filosofia, que é a tarefa maior da filosofia. Acho que o legado foucaultiano vai nessa direção.

Kínesis: *E sobre Deleuze? Muitas vezes este pensador foi inserido no contexto da “não filosofia” e interpretado como um irracionalista... Podemos dizer que o pensamento deleuziano – tal como o pensamento de Merleau-Ponty – “conserva e não destrói”, como disse o senhor a pouco, e merece distinção desta geração dos anos 70 dita pelo senhor “nouveaux philosophes”? Em que medida isto acontece?*

Luiz Damon Santos Moutinho: Certamente, Deleuze nada tem a ver com os *nouveaux philosophes*! Ele está muito acima deles. Penso que Deleuze está entre aqueles filósofos extremamente fecundos, mas cujo estilo torna difícil o acesso. Não é à toa que ele é mais lido como historiador da filosofia, pois ali ele conserva a terminologia já conhecida do clássico comentado. No entanto, é sempre o mesmo Deleuze, o mesmo que lê Bergson, Nietzsche, Leibniz, Hume, Espinosa, Kant, e o mesmo que escreve *Diferença e repetição*. Diga-se de passagem que Deleuze e Foucault estiveram entre aqueles que renovaram o interesse por Nietzsche, e que boa parte do combate dos *nouveaux philosophes* consiste em desmontar, de maneira absolutamente desastrada, o “nietzschianismo”. Deleuze é um clássico – a maneira como ele lê Bergson e retira dali a idéia de “virtual”, a maneira como lê Espinosa e retira dali a idéia de imanência etc, não apenas confere um interesse particular à sua própria obra, mas também renova o interesse pela história da filosofia.

Kínesis: *O senhor falou de Nietzsche. Antes havíamos conversado sobre o esquecimento e retomada da leitura de Merleau-Ponty, Sartre e a fenomenologia. De fato Foucault, Deleuze e parece – mesmo timidamente – Merleau-Ponty foram leitores de Nietzsche. Em “Diferença e repetição”, obra citada pelo senhor, precisamente num trecho da conclusão Deleuze escreve algo que gostaria de retomar: “O maior esforço da Filosofia talvez consista em tornar a representação infinita (Orgiaca). Trata-se de estender a representação até o grande demais e o pequeno demais da diferença (...) Em suma, trata-se de fazer um pouco do sangue de Dioniso correr nas veias orgânicas de*

Apolo”³. Esta imagem criada por Deleuze seria o palco que faz com que a obra de Nietzsche não seja abordada nos estudos acadêmicos dedicados a obra dos autores citados acima com a mesma recorrência do que o são os clássicos Descartes ou Kant por exemplo?

Luiz Damon Santos Moutinho: Mas boa parte dos estudos foucaultianos e deleuzianos são estudos que os aproximam de Nietzsche! No caso de Merleau-Ponty, bem menos, certamente, mas é a própria obra do Merleau que assim se apresenta. Além da fenomenologia alemã, suas grandes referências são Descartes, Kant e a filosofia francesa do período antecedente, Bergson e outros filósofos menores, como Brunschvicg, por exemplo. Deleuze e Foucault, por outro lado, muito explicitamente retomam Nietzsche. Por exemplo, ainda nos anos 50, quando era próximo do PC (Partido Comunista) francês, Foucault escreveu *Doença mental e personalidade*, obra que ele alteraria sistematicamente e daria novo título, *Doença mental e psicologia*, publicada em 61. O que aconteceu no entretanto, período em que ele escreveu *História da loucura*? Ele mesmo afirma: ele conheceu o Nietzsche! *Doença mental e personalidade* se encaixa perfeitamente bem no humanismo que logo depois Foucault viria a deplorar, e Nietzsche era referência direta para essa crítica (além de Heidegger, bem entendido, e sua *Carta sobre o humanismo*). Penso que há uma linha de corte aqui muito importante, bem mais interessante do que aquela que aponta temas evidentemente diferentes (o “existencial”, em Merleau-Ponty, a “diferença”, em Deleuze e Foucault etc). Essa linha é sugerida por Deleuze e ela diz respeito à idéia de filosofia como crítica. A crítica das ilusões, do erro, do desvio, da falsa moral, do falso conhecimento, da falsa religião, crítica de tipo kantiana, deixa intacta, julga Deleuze, o ideal do conhecimento, a verdadeira moral, a fé, a idéia de verdade. Outra é a crítica que incide precisamente sobre as verdades: a verdadeira moral, a verdadeira fé, o conhecimento ideal. Nesse caso, já não é o ideal que se ressalta da crítica, mas, ao contrário, uma inversão, a busca, segundo Deleuze, de novas formas de pensar. Creio que Foucault e Deleuze praticam essa forma de crítica. Merleau-Ponty, não, ele entende a crítica em outro sentido, nem segundo esse

³ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.416.

modelo de que fala Deleuze, nem segundo o modelo kantiano. De início, porque, para Merleau-Ponty, estamos condenados à verdade: mesmo ali onde erramos, a verdade se insinua. E inversamente: ali onde há o verdadeiro, há também o obscuro, o erro, o desvio. O verdadeiro e o falso se imbricam de tal modo que já não é possível distingui-los, já não é possível traçar aquela linha demarcatória clássica que isolaria o falso. Creio que a tradição nietzschiana está por trás desse modelo referido por Deleuze. A tradição a que se vincula Merleau-Ponty, por outro lado, é a tradição clássica, Descartes, Kant, Husserl, mas levada às últimas conseqüências. De todo modo, vale notar, *en passant*, a propósito das leituras da obra de Nietzsche, que não é apenas a partir de Deleuze e Foucault que Nietzsche é lido. Na verdade, sobretudo não a partir deles! Nietzsche é um campeão de audiência, junto com Heidegger. Basta fazer a contabilidade das apresentações das últimas Anpofs.

Kínesis: *Como o senhor avalia as pesquisas dedicadas à filosofia francesa contemporânea realizadas no Brasil atualmente?*

Luiz Damon Santos Moutinho: Tem bastante coisa sendo feita. E essa vastidão é inseparável da expansão da pós-graduação no Brasil. Um dos êxitos brasileiros das últimas décadas, sem dúvida, é isso, a expansão da pesquisa, e essa expansão se reflete também na filosofia, e, por extensão, em trabalhos sobre filosofia francesa contemporânea. É algo que se espalha pelo Brasil afora, mas claro que em alguns pontos há maior concentração: em São Paulo, por exemplo, na USP, Sartre e Merleau-Ponty têm bastante destaque, Foucault e Deleuze, menos, mas isso é compensado no Rio de Janeiro. Em São Carlos, há coisas ótimas em torno de Bergson. Em diversos pontos do país, aqui e acolá, há trabalhos em torno dos franceses, trabalhos de valor desigual, evidentemente. O que, aliás, é bem próprio de toda expansão: aparece muita coisa ruim, muita nulidade, mas é também dela que advém uma melhora geral na qualidade. Mas é bom lembrar também que nem tudo que é francês contemporâneo vale a pena... A França é pródiga em criar modas e não é desejável segui-las. De todo modo, há um aspecto notável nessa relação brasileira com a filosofia francesa: mais que propriamente a filosofia francesa, o Brasil recebeu mais influência do modo francês de fazer *história* da filosofia. Isso por várias razões. Uma delas é que a filosofia que começou na USP (e que dali tem se

espalhado) foi implantada por uma missão francesa, e uma tal relação, cravada na origem, não se deixa apagar facilmente. Outra razão é o preparo excepcional do jovem *agrégé*, melhor que o equivalente inglês ou alemão. Um *agrégé* típico conhece muito bem a história da filosofia. Penso que isso deitou raízes mais fundas no nosso modo de trabalhar do que a filosofia propriamente.

Kínesis: *A revista Kínesis agradece a gentileza em conceder esta entrevista e para finalizar gostaríamos que falasse um pouco qual o foco de sua pesquisa neste momento.*

Luiz Damon Santos Moutinho: Continuo girando em torno da fenomenologia: Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. E, a partir desses autores, alguns outros que vieram depois e os tiveram como interlocutores (caso de Foucault, por exemplo) e, em direção inversa, alguns clássicos com quem esses autores travaram interlocução mais direta (é o caso privilegiado de Descartes, ainda que isso não seja verdadeiro para Heidegger). Evidentemente, esse horizonte de trabalho envolve um debate cada vez mais institucionalizado e cada vez mais profícuo e do qual tenho tomado parte – debate que envolve leitores franceses desses mesmos autores, como Barbaras, por exemplo, e outros mais jovens, como Worms, Bimbenet etc. E, claro, um debate com a “comunidade” filosófica brasileira, essa vasta “comunidade” que tem publicado muito, traduzido muito, trabalhado muito. É bom que se diga que tem havido uma sensível melhora, nesses últimos anos, na qualidade geral das teses produzidas pela pós-graduação no Brasil. Esse debate, enfim, me interessa muitíssimo porque ele diz respeito não apenas aos destinos da fenomenologia, mas à idéia mesma do que significa fazer filosofia.